

# JOSÉ SARAMAGO: Obra (de) Nomeada

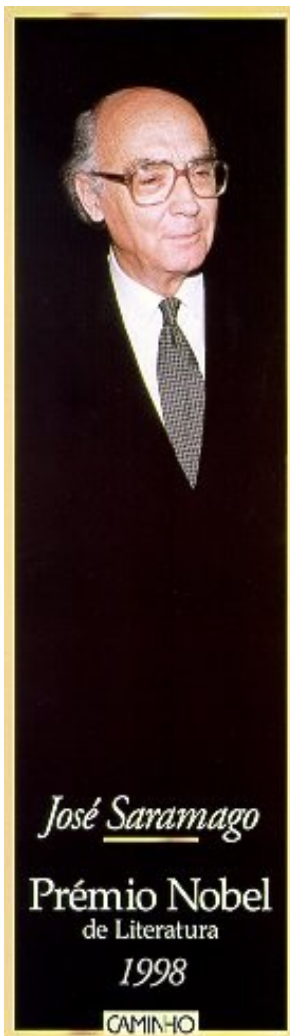
Por

*Luís Aguilár*

O primeiro prémio Nobel da Literatura atribuído a um autor de língua portuguesa, para além de Portugal, foi importante, para a República do Português, para a Lusofonia e para o Mundo Literário. A Língua Portuguesa já o merecia há anos, há décadas, há séculos: Pessoa, Torga, Jorge de Sena, Jorge Amado, Lobo Antunes, Sophia de Mello Breyner Andresen, Agustina Bessa-Luís.

A Academia Sueca atribuiu o Nobel da Literatura de 1998 a José Saramago, *pela sua capacidade de tornar compreensível uma realidade fugidia, com parábolas sustentadas pela imaginação, pela compaixão e pela ironia*. O talento, o desassossego, a criatividade, a irreverência, o sarcasmo e o humor, que caracterizam a obra de Saramago, viajaram para os quatro cantos do mundo e podem hoje ler-se em mais de quarenta línguas.

Saramago não se isolou, fechando-se no seu orgulho, à espera que o lessem e o reconhecessem, como tantos outros que, apartados do mundo e com ele (des)iludidos, perguntam, apáticos, **O que Farei com este Livro?** Saramago foi colhido de surpresa com a atribuição deste



prémio, a tal ponto que lhe saiu de um jorro toda a emoção, alegria, generosidade e compaixão de que, pela rudeza dos seus paradoxos existenciais, muitos não o julgavam capaz.

**In Nomine Dei**, Saramago considera, ironicamente, o prémio Nobel, que lhe foi atribuído como um verdadeiro milagre. Mais tarde, alguém viria a dizer que se Saramago não acreditava em Deus, Deus acreditou em Saramago. Como tantos outros vultos da Literatura Portuguesa fabricou-se a si próprio e atingiu a genialidade no **Ano da Morte de Ricardo Reis**, sem **Manual de Pintura e Caligrafia**, fornecido por qualquer universidade que nunca frequentou, ainda que na sua **Bagagem de Viajante** tenha vários

doutoramentos *honoris causa* concedidos por dezenas de prestigiadas universidades estrangeiras e apenas duas portuguesas(!). Não foi nada fácil a sua **Viagem a Portugal**, onde só são autorizados os **Poemas Possíveis** ditados pelos brandos costumes e onde, geralmente, não cabem aqueles que, num **Ensaio sobre a Lucidez**, alvitram que os *fortes deviam ser mais justos e os justos*

*deviam ser mais fortes.* Aqueles que como José Saramago, ousam denunciar os crimes religiosos, transgredir ou reinventar as regras da gramática e da escrita pontuada e combater a estupidez, os dogmas, o carreirismo, o arrivismo e o conformismo, recebem em troca a ira dos que, no seu ***Ensaio Sobre a Cegueira***, sempre tentaram, minimizar, quando não denegrir, o que representa a sua obra, que provavelmente não leram, mas, certamente, não gostaram. Eis senão ***Todos os Nomes***, alguns dos que inventam, tal polícias do prazer, do belo e do sentido crítico, lóbis, excomunhões, cruzadas, perseguições. Por causa de tão iminentes e laras criaturas, vai Saramago para Espanha, com ***Provavelmente Alegria***, na companhia da sua mulher, registando nos ***Cadernos de Lanzerote, As Pequenas Memórias*** desses tempos em que ***Na Terra do Pecado*** foi ***Objecto Quase*** de censura, afrontas e públicas ofensas, a propósito dos seus livros ***Evangelho Segundo Jesus Cristo, Memorial do Convento*** e ***Segunda Vida de São Francisco de Assis***.

***Homem Duplicado***, pode bem atribuir-se-lhe duas vidas, uma até aos cerca dos seus sessenta anos, em que depois de longo período desaparecido e rejeitado, renasce ***Levantado do Chão***.

Os tempos de ***A Noite***, em que esteve à frente do Diário de Notícias, navegando sobre a ***Jangada de Pedra*** do pensamento sectário, de um tempo infeliz

não podem, nem conseguem, diminuir a sua genialidade.

Nos últimos anos de vida, confrontou-se com as ***Intermitências da Morte***, colando-se à vida, num primeiro tempo, puxado para cima pelos colarinhos, para não cair no poço, pela sua mulher Pilar del Rio. Confirma-se que ao lado de um grande homem (e não atrás) está sempre uma grande mulher. Num segundo tempo passou-o a rir, sabendo que a morte estaria para chegar. Chegou neste triste ano de 2010, o ano da morte de José Saramago. Antes de partir deixou-nos ***A Viagem do Elefante*** e defendeu aqueles que, a seu ver, a igreja e Deus maltrataram. Acusado de herege, não fugiu ao debate e declarou: - *Não fui eu que matei Caim!*

Hoje, José Saramago é um homem ***Deste Mundo e do Outro***: deixou-nos muitas palavras e outras tantas levou-as consigo, ficando outras tantas para a história que reescreveu Para a História deixou-nos ***A História do Cerco de Lisboa*** e ***O Ano de 1993***.

Espera-se, agora, como já hábito é, por um lado, o cortejo ululante do costume a venerá-lo sem o lerem e, por outro, os que gratuita e alegremente, como abutres, continuarão a denegrir alguém que da lei da morte se soube libertar.

**Foi este texto publicado, há tempos, no Jornal comunitário de Montreal, Lusopresse, tendo sido actualizado, como se deduz, neste ano da morte de José Saramago. Julho de 2010.**